

A condenação de Galileu

- **Consulente:** Alberto Lombardi
- **Localização:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil
- **Escolaridade:** Pós-graduação concluída
- **Profissão:** Engenheiro
- **Religião:** Católica

Caro Sr. Orlando Fedeli lendo seus textos notei que é uma pessoa bastante esclarecida e o Sr. e sua equipe tem bastante informação e formação.

Achei o Site interessante e sua prerrogativa p/ atuar "copiado" de uma de suas respostas tb interessante :

"O vínculo entre os membros da Montfort e a Igreja Católica é o Batismo e a Verdade (!). E esse é um elo forte e suficiente (!) para fazer o que fazemos." As exclamações são minhas.

Minha dúvida é sobre Galileu e seu dramático confronto com a Inquisição : o Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo (Diálogo sobre os dois maiores sistemas do mundo), no qual compara os modelos de Copérnico e Ptolomeu.

Gostaria de saber como o Sr. vê essa questão, sem polêmicas, pois quero somente sua opinião.

Coloco um texto a seguir e q deu origem a minha dúvida :

"A condenação de Galileu representou um enorme trauma nas relações entre ciência e religião. Lentamente, a Igreja procurou corrigir o seu ato. Em 1893, na encíclica Providentissimus Deus, o papa Leão XIII adotou o modo de interpretação da Bíblia proposto por Galileu."

" Em 1992, o papa João Paulo II reconheceu formalmente o erro cometido – resultante, segundo ele, de "uma trágica e recíproca (?!) incompreensão".

Veja q não estou questionando a Inquisição e seus métodos apenas o reconhecimento do Papa João Paulo II ao erro cometido pela Igreja Católica à época.

Agradeço se me responder.

Continuem o bom trabalho !

Forte abraço à todos !

Alberto Lombardi

Prezado Sr. Alberto Lombardi,

Salve Maria!

Agradecemos o apoio ao nosso trabalho, no site Montfort, e a maneira amigável como o senhor colocou as questões. Sua gentileza e a importância do assunto, nos obrigam a responder com atenção especial.

Galileu Galilei não foi condenado por acreditar na mobilidade da terra, e na centralidade e imobilidade do sol. O sistema heliocêntrico, como hipótese astronômica baseada em cálculos matemáticos e observações reais, já havia sido formulado há dois séculos e meio pelo Bispo de Lisieux, Nicolau de Oresme (falecido em 1382) e era aceito, como hipótese, por cientistas católicos do clero, e inclusive pelo próprio inquisidor de Galileu, o ilustre São Roberto Bellarmino:

“Entendamos, o cardeal Bellarmino, amigo do saudoso astrônomo padre Clavius desde os tempos de colégio, sabe muito bem que a descrição copernicana dos movimentos planetários poderia ser perfeitamente plausível” (Apud. Pietro Redondi, *Galileu Herético*, Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, p.47)

Por isso, São Roberto Bellarmino afirmou em uma carta ao padre Foscarini, que também havia publicado uma teoria sobre a concordância entre o heliocentrismo e a Escritura, o seguinte:

“Em terceiro lugar, eu digo que se houvesse uma demonstração verdadeira de que o Sol está no centro do Mundo e a Terra no terceiro Céu, e que o Sol não circula a Terra, mas a Terra circula o Sol, então, ter-se-ia de proceder com grande cuidado em explicar as Escrituras, na qual aparece o contrário. E diria antes que nós não as entendemos, do que, o que é demonstrado é falso. Mas, eu não acreditarei que exista tal demonstração até que esta me seja mostrada.” (Carta do Cardeal São Roberto Bellarmino ao padre Foscarini, 12 de abril de 1615. Na Internet: http://galileoandstein.physics.virginia.edu/lectures/gal_life.htm).

O Padre Cristophoro Grienberg, matemático do Colégio Romano dos jesuítas, interlocutor

científico favorável a Galileu, também tinha como hipótese científica o heliocentrismo, mas havia expressado *algumas reservas, dado que nenhuma experiência ou demonstração permitia tornar certa e segura a verdade copernicana*(Apud. Pietro Redondi, *Galileu Herético*, Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, p.18.)

O cardeal Giovanni Ciampoli, o cardeal Maurizio da Savóia, o príncipe Cesi e o seu sobrinho Virgínio Cesarini, eram favoráveis ao heliocentrismo como hipótese. Também o padre Orazio Grassi, ícone do debate contra as **heresias** de Galileu, aventava a possibilidade do heliocentrismo, mas também aguardava provas conclusivas.

Note, entretanto, que o clero e os cientistas da época tinham o heliocentrismo como hipótese astronômica, e não como certeza. Por dois motivos, essencialmente: por prudência e pela eficácia das medidas astronômicas baseadas no sistema geocêntrico.

Prudência: pelo fato de não haver, até então, provas suficientes, de natureza científica, para torná-lo certo e seguro. A Igreja compreendia com Santo Alberto Magno que *A prova pelos sentidos [isto é, a indução] é a mais segura no estudo da filosofia natural, e situa-se acima da teoria sem observação (Meteoros 3, tr. 1, c. 21)*. (Cf. Luis Alberto De Boni. *Filosofia Medieval: texto*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 173); e que *A experiência, através de repetidas observações, é a melhor mestra no estudo da natureza (Sobre os animais 1. c. 19)*(Cf. Luis Alberto De Boni. op. cit. p. 173); e ainda que: *Compete à ciência natural não aceitar simplesmente o que foi narrado. Cabe-lhe, muito mais, a serviço da filosofia natural, buscar as causas das coisas naturais (Sobre os minerais 2, tr. 2, c. 1). E Galileu não possuía então observações que comprovassem a teoria heliocêntrica, nem experiências, com observações repetidas, e muito menos buscava causas naturais*.

Longe de naturais, as causas aventadas por Galileu eram de um profundo misticismo.

Para Galileu, havia um *espírito que aquece e fecunda todas as substâncias corpóreas, o qual partindo do corpo solar propaga-se com enorme velocidade pelo mundo inteiro*(Apud. Pietro Redondi, *Galileu Herético*, Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, p.19.)

Falando da luz ,em uma carta ao padre Pietro Dini, dizia Galileu que essa era uma *substância espiritualíssima, sutilíssima e velocíssima que difundindo-se pelo universo penetra tudo sem resistência, aquece, vivifica e torna fecunda todas as criaturas viventes*. (Carta de Galileu a monsenhor Pietro Dini, 23 mar.1615, *Opere*,V, p.289).

As demonstrações não eram fundamentadas em observações experimentais:

“Galileu não fornecia verdadeiramente as demonstrações necessárias do heliocentrismo, mas defendia a metafísica do Sol colocada no centro do universo de que Copérnico falara no primeiro livro do De revolutionibus. Celebrava assim um verdadeiro triunfo da luz, com referências textuais à criação descrita no livro da Gênese, aos salmos e aos profetas: Deus colocou no Sol o seu tabernáculo (...). Ele tal qual esposo que sai do próprio tálamo, saltou

como um gigante para escapar. Galileu sob a escolta de Dionísio Areopagita, mostrava a sugestiva concordância entre esses poéticos versos do Salmo XVIII e as idéias sobre a emanção da luz celeste e terrestre...” (Apud. Pietro Redondi, *Galileu Herético*, Editora Schwarcz Ltda, São Paulo, p.18)

A condenação de Galileu foi a condenação do heliocentrismo copernicano enquanto portador de uma doutrina esotérica, baseada em Hermes Trimegisto, que via a luz como um espírito emanado de uma fonte eterna, o sol. Ela foi a condenação da retomada -- (pelos renascentistas) -- do paganismo do culto de Mitra, contraposto desde os primeiros séculos cristãos ao culto de Jesus Cristo.

A condenação de Galileu, portanto, não foi a do heliocentrismo, em geral, mas do heliocentrismo de explicação e implicações copernicanas, com fundamentos mágicos e religiosos.

Explico.

É possível dizer uma verdade, e dar uma explicação errada dessa mesma verdade. Seu alguém dissesse: *os corpos caem*, evidentemente estaria falando uma verdade. Entretanto, se essa pessoa prosseguisse tentando explicar esse fato, afirmando que é por causa de um espírito ou que isso ocorre por causa da força eletromagnética, certamente a explicação seria condenável. Portanto, não basta dizer a verdade. É preciso explicá-la corretamente. Outro exemplo disso é a prova de Santo Anselmo da existência de Deus. Que Deus existe, é verdade. Mas a explicação que Santo Anselmo expôs é errada pela confusão entre plano lógico e plano ontológico, e por isso essa pseudo prova foi refutada por São Tomás.

A explicação do heliocentrismo feita por Galileu era mágica, esotérica, por meio de causas não naturais, absurda, e anti-católica, portanto, condenável. Tanto do ponto de vista científico, carente de honestidade intelectual, quanto do ponto de vista religioso.

Sendo assim, o texto que o senhor citou na carta-pergunta não é verdadeiro. A condenação de Galileu não foi um *trauma nas relações entre Ciência e Religião*, pelo contrário, visou salvar a boa ciência descrita por Santo Alberto Magno contra as charlatanices e credices de uma seita mágica, aquela do esoterismo de Copérnico, que estava, então, sendo difundida por Galileu. *O trauma nas relações entre ciência e religião deve-se a Galileu, que, anulando os limites de uma e de outra, caiu numa espécie de naturalismo religioso e em uma mística torta por causa de uma doutrina imanentista em que o espírito divino, a luz, cuja emanção provém do tabernáculo celeste (do sol), penetra e vivifica todas as coisas, conforme explícito no livro De Revolutionibus orbium coelestium de Copérnico e em sua carta ao padre Pietro Dini.*

Quanto à encíclica de Leão XIII, Providentissimus Deus, vemos a doutrina de sempre da Igreja. Ciência e Fé são harmônicas e perfeitamente distintas. Ora, em uma harmonia as notas individuais não são destruídas ou aniquiladas para formarem uma unidade nova absolutamente desvinculadas de sua forma individual, mas, as notas, por guardarem uma proporção entre si e

variarem tanto quanto indivíduos podem variar dentro de uma mesma espécie, ou seja, na unidade, essas notas distintas tocadas em um conjunto possuem um brilho novo da variedade na unidade. Assim, o casamento da Ciência e da Fé possui um brilho novo. E Galileu destruía essa harmonia, ao querer misturar e romper os limites de cada uma, dando explicações místicas aos fenômenos naturais, e vice-versa.

Contra essa prática, a própria encíclica nos adverte:

“Nenhum desacordo real pode certamente existir entre a teologia e a física, desde que ambas se mantenham nos seus limites e segundo a palavra de Santo Agostinho, tomem cuidado de nada afirmarem ao acaso, nem tomarem o desconhecido pelo conhecido” (In Gen.op. imperf.,IX,30) (Documentos Pontifícios, *Providentissimus Deus*, Editora Vozes LTDA., Petrópolis, R.J., pg.28).

O sábio conselho de Santo Agostinho cabe bem ao pretensioso matemático italiano.

E ainda:

“Daí resulta evidentemente que se deve rejeitar como insensata e falsa toda explicação que ponha os autores sagrados em contradição entre si, ou seja, oposta ao magistério da Igreja. Aquele que professa a Escritura Sagrada deve também merecer o elogio de possuir a fundo toda teologia, de conhecer perfeitamente os comentários dos Santos Padres dos doutores e dos melhores intérpretes.” (Documentos Pontifícios, *Providentissimus Deus*, Editora Vozes LTDA., Petrópolis, R.J., pg.20-21).

E continuando:

“Quanto a tudo o que, estribando-se em provas verdadeiras, nossos adversários nos puderem demonstrar a respeito da natureza, provemo-lhes que não há nada contrário a esses fatos nas nossas Santas Letras. Mas, quanto ao que eles tirarem de certos livros seus e que invocarem como estando em contradição com essas Santas Letras, ou seja, com a Fé católica, mostremos-lhes que se trata de hipóteses, ou que absolutamente não duvidamos da falsidade dessas afirmações.” (De Gen. Ad litt.,I, 21, 41). (Documentos Pontifícios, *Providentissimus Deus*, Editora Vozes LTDA., Petrópolis, R.J., pg.28)

Portanto, a Providentíssimus Deus de maneira alguma aprova o método megalômano de Galileu de interpretar a Sagrada Escritura fora da tradição dos Santos Padres e da autoridade do Magistério romano, à luz da ciência moderna. Pelo contrário: reafirma a necessidade de submissão aos Santos Padres. E que, se alguma tese da ciência moderna procura contradizer as Sagradas Escrituras, isso abre duas possibilidades: ou a contradição é aparente, ou a ciência moderna errou.

Portanto, o texto, ao afirmar que a Providentíssimus Deus foi na direção de favorecer Galileu, é falso.

Enfim, vejamos algo verdadeiro no texto colocado na carta-pergunta.

João Paulo II de fato pediu perdão pelos pecados da Igreja. Inclusive pediu perdão pelo caso Galileu. E nisso, que não é uma declaração de Fé, mas de apreciação de fato histórico científico, ele errou redondamente.

Vejamos.

Rezamos no Credo: Creio na Santa Igreja Católica.

A Igreja, pela sua origem e autoridade constituída, é de natureza divina, está ligada aos céus pela pessoa admirável do Santo Padre. Enquanto instituição de autoridade e missão divinas, com todas as suas cerimônias e com todo o conteúdo do depósito da Fé, com a eficácia dos sacramentos pela autoridade do próprio Cristo, a Igreja é Santíssima, e tem o poder de produzir santos. Portanto, não é cabível falar em pecados da Igreja. O papa atual Bento XVI, em respeito a isso, condenou genericamente a idéia de falar de pecados da Igreja. Mostrou Bento que a Igreja é santa e santificadora

Talvez João Paulo II tenha se expressado mal, e tenha se referido aos homens pecadores que faziam parte do corpo da Igreja no passado. Mesmo assim, haveria um erro nisso: pode-se pedir que Deus perdoe pecados de outrem, mas não se pode pedir pessoalmente perdão dos pecados de outros, como se fossem nossos. Pode-se pedir para que Deus tenha misericórdia dos pecados do próximo. Mas não o perdão como se nós fossemos os responsáveis dos pecados alheios. Porque uma condição essencial ao perdão é o sincero arrependimento, e não adianta um terceiro pedir perdão, sendo que a condição essencial reside na própria pessoa pecadora, e se manifesta no próprio ato de pedido de perdão com arrependimento e firme propósito. Nessa linha, esperamos que o Papa Urbano VIII, que promoveu Galileu, juntamente com seu grupo de politiqueros engajados da Academia dos Lincei, como locomotiva da revolução científica anti-tomista, anti-católica, tenha se arrependido e tenha sido perdoado por Deus.

Emitir um juízo sobre o caso Galileu, se o processo foi justo ou injusto, não é uma afirmação de Fé ou Moral. Envolve um conhecimento histórico. Ora, o Papa só é infalível em questões de Fé e Moral, e quando fala em nome da Igreja, respeitando os requisitos formais de clareza, unidade magisterial e etc.

Mesmo assim, é lamentável esse erro histórico e o desconhecimento da doutrina envolvida em um processo tão importante quanto esse na História, por parte do Santo Padre João Paulo II.

Rezemos pelo papa Bento XVI para que ele continue condenando a modernidade em todos os seus desdobramentos, como tem feito até então. Modernidade que começou também com o esoterismo pseudo científico de Galileu

E na esperança tê-lo servido, despeço-me amigavelmente,

A.M.D.G.

Emerson Chenta